

O Álbum Imaginário de 2026 e a Sobrevivência de uma Criança Viada na Arquibancada

Por Eduardo Woetter · Publicado em 17/05/2026

A sutil ironia de amar um esporte que transforma sua identidade no pior xingamento do jogo. Uma reflexão afiada sobre futebol, um álbum imaginário e a resistência da criança viada na arquibancada moderna.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://woetter.com/post/album-imaginario-futebol-diversidade-homofobia-esporte>

Ah, o futebol. O ápice indiscutível da masculinidade tradicional. Um espaço sagrado onde homens adultos se reúnem semanalmente para beber cerveja de qualidade duvidosa, xingar a arbitragem com termos que desafiam a lógica biológica e, claro, assistir a vinte e dois rapazes em shorts curtos correndo suados por noventa minutos. Tudo isso culminando em abraços coletivos calorosos, declarações públicas de amor eterno e lágrimas genuínas de emoção. Convenhamos, trata-se do ambiente mais estritamente heterossexual da face da Terra. Contém ironia, obviamente, caso o leitor precise de um aviso prévio.

Hoje, uma imagem fascinante cruzou minha timeline e disparou um gatilho de pura nostalgia ácida. Não se trata de um produto real de banca de jornal, mas sim de uma provocação genial: um álbum imaginário para a Copa do Mundo de 2026. O título fictício, impresso sobre um fundo de mosaicos coloridos, dizia tudo: Livro Ilustrado Oficial dos Jogadores Sem Camisa. Uma peça de design conceitual que funciona como uma resposta satírica brilhante contra a persistente homofobia no esporte. Ver aquela imagem me teletransportou diretamente para a minha infância e me fez refletir sobre a complexa arquitetura mental que uma criança viada precisa construir para conseguir gostar de futebol sem perder a sanidade.

Para a jovem criança viada que nasce com o gene incurável da paixão clubística, a vida nos arredores do estádio é um exercício constante de espionagem e contraespionagem. Você ama o som do bumbo da torcida, sente o peito vibrar com o desenho tático bem executado e se emociona com a bola balançando a rede, mas sabe, desde muito cedo, que aquele território é um campo minado altamente hostil. A homofobia no esporte nunca foi sutil; ela é berrada em uníssono por sessenta mil vozes em um domingo ensolarado. Ela opera como o xingamento padrão direcionado ao goleiro adversário e como a piada infame no churrasco de família.

Olhando para o design desse álbum imaginário de 2026, fico pensando em como seria maravilhoso se o universo do futebol e diversidade andassem juntos de forma leve. Afinal de contas, o esporte consome e vende uma carga homoerótica monumental todos os dias. Os jornais esportivos dedicam páginas inteiras para analisar a musculatura da coxa do atacante, o corte de cabelo do volante e a troca de camisas no final da partida. A regra velada, porém, exige

que toda essa apreciação estética seja embrulhada em uma embalagem de brutalidade e cara de mau. A criança viada aprende rapidamente a desenvolver um olhar periférico altamente sofisticado. Ela finge profunda concentração na recomposição defensiva do time, quando na verdade está apenas apreciando o caimento impecável do uniforme.

Infelizmente, a piada do álbum imaginário apenas ressalta uma realidade que continua desconfortável. Em pleno ano de 2026, às vésperas de um torneio mundial de proporções continentais, a pauta sobre futebol e diversidade ainda causa arrepios nos cartolas e conselheiros de clubes. A homofobia no esporte exhibe sua faceta mais hipócrita justamente na arquibancada: os mesmos torcedores que se sentem ultrajados com a mera possibilidade de existir um atleta homossexual no elenco são os que se abraçam aos prantos, trocando juras de amor com perfeitos estranhos, quando o time escapa de um rebaixamento nos acréscimos. O afeto e a vulnerabilidade masculina são plenamente autorizados, desde que mascarados por uma camada espessa de agressividade esportiva.

É nesse cenário de contradições que as torcidas organizadas gays assumem um papel fundamental de resistência cultural. Se a criança viada precisava assistir ao jogo em silêncio, fingindo ser quem não era, os coletivos de torcedores LGBTQIA+ decidiram que o armário do vestiário precisava ser arrombado. A história nos deixou legados incríveis, como a lendária Coligay fundada nos anos 70, que provou que purpurina, festa e apoio incondicional ao time podiam coexistir perfeitamente, desafiando as convenções da época. Hoje, movimentos modernos tentam fincar suas bandeiras coloridas no cimento frio dos estádios, lutando para que a homofobia no esporte seja finalmente tratada como o crime que é.

A reação do ecossistema tradicional a essas iniciativas, contudo, varia entre o cinismo institucional e a violência declarada. Determinadas torcidas inclusivas são toleradas pelas diretorias apenas como uma espécie de cota de marketing oportuna, uma vitrine de tolerância superficial para ser exibida durante as campanhas institucionais no mês do orgulho. Enquanto isso, na vida real das arquibancadas periféricas, esses torcedores enfrentam o rechaço violento de facções tradicionais que alegam defender a moralidade da instituição. Dizem que a presença de uma bandeira de arco-íris mancha a história do clube. A ironia é gritante: o que realmente mancha a história de uma instituição são os escândalos financeiros, a violência entre organizadas e a convivência com o preconceito, nunca o amor legítimo de um torcedor pela sua bandeira.

Toda criança viada que persistiu no amor pelo futebol precisou pagar um pedágio psicológico pesado. Ela teve que ouvir o próprio plano de existência ser transformado no pior insulto proferido dentro de campo. Diante disso, muitas abandonam os estádios para sempre, privando o esporte de mentes brilhantes e torcedores apaixonados. Outras escolhem vestir a armadura do torcedor padrão, camuflando seus trejeitos e policiando a própria voz a cada lance de perigo.

O futebol e diversidade precisam deixar de ser vistos como termos opostos. O esporte mais popular do mundo só alcançará sua verdadeira grandeza quando for capaz de acolher todas as

narrativas que o constroem. Um álbum imaginário que brinca com os clichês da masculinidade é engraçado, mas a meta real é fazer com que nenhum jovem precise criar um personagem para poder gritar gol. A arquibancada é imensa e há espaço de sobra para todos.

A criança viada que sobreviveu à hostilidade cresceu, estudou as regras do jogo, compreende os nós táticos do treinador e decorou as estatísticas históricas do seu clube de coração. Ela não vai abandonar o cimento da arquibancada. O futebol também pertence a ela, e o canto dela é consideravelmente mais afinado.

Para Hoje

A recomendação para sintonizar com a energia desta crônica é assistir ao sensacional documentário “Geraldinos”, que retrata a perda da essência popular dos estádios antigos, e ler a obra “Futebol e Homossexualidade”, um estudo fundamental que detalha como as estruturas do esporte mais amado do país foram historicamente moldadas pelo preconceito e como podemos subvertê-las com coragem e humor.

click the picture to get the prompt to generate your own version

E você, qual era a estratégia que você precisava criar na infância para conseguir frequentar os espaços que amava? Compartilhe este texto com aquele amigo de arquibancada que divide com você o amor pelo clube e o deboche contra os preconceitos do cotidiano.

Se você aprecia crônicas que transformam os absurdos da nossa rotina moderna em boas risadas e reflexões necessárias, não deixe de me acompanhar nas redes sociais. Venha fazer parte de uma comunidade que prefere a ironia inteligente ao discurso corporativo engessado.